



INSTITUTO CAMÕES BUCARESTE

CRONICANDO EM BUCARESTE 4

SÓNIA DIAS MENDES (ORG.)

bucareste 2021

DADOS DE CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MENDES, S.D. (ORG.) (2021). *CRONICANDO EM BUCARESTE 4*. BUCARESTE: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE.

TÍTULO: CRONICANDO EM BUCARESTE 4

ORGANIZAÇÃO: SÓNIA DIAS MENDES

EDIÇÃO: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

DATA: NOVEMBRO 2021

LOCAL: BUCARESTE, ROMÉLIA

CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

STRADA EDGAR QUINET NR. 5-7, COD 010017, SECTOR 1, BUCARESTE

DESIGN GRÁFICO: SÓNIA DIAS MENDES, 2021

FOTOGRAFIA: BECKETT | BLUE AND WHITE SMOKE ILLUSTRATION | WWW.PEXELS.COM

EDIÇÃO FINANCIADA POR:

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PORTUGAL

WWW.INSTITUTO-CAMOEES.PT



ÍNDICE

Notas de um leitor privilegiado SIMINA POPA_____	3
Juro que nunca me vou esquecer dessa mulher AMALIA PUIU_____	4
A maldição AMALIA PUIU_____	5
Cuidado com o degrau ANCA NAGY_____	6
A culpa é nossa ANCA NAGY_____	8
Eu, às vezes ANDRA ARDELEANU_____	9
Tinha um sonho ANDRA ARDELEANU_____	10
O já e o ainda ANDRADA MILITARU_____	12
Ninguém sabe, mas todos... ANDRADA MILITARU_____	13
Eu, às vezes ANDREEA BRUMARU_____	15
A corrupção mata ANDREEA BRUMARU_____	16
Os trocos do amor ANDREEA RĂDUCA_____	17
Distância entre nós ANDREEA RĂDUCA_____	18
Eu, às vezes ANDREI PREDA_____	20
O interminável conflito entre gerações ANDREI PREDA_____	21
Eu, às vezes COSMINA DIMA_____	23
Desapontamento... COSMINA DIMA_____	24
Aquele ali atrás sou eu CRISTINA PETRESCU_____	25

A ditadura dos sogros CRISTINA PETRESCU	27
Juro que nunca me vou esquecer GEORGIANA CHIRCĂ	28
Apenas números GEORGIANA CHIRCĂ	29
Eu, às vezes IOANA STOICA	30
O tempo não volta para ninguém IOANA STOICA	31
Eu, às vezes IONUȚ ILIE	32
As asas cortadas IONUȚ ILIE	33
Os trocos do amor MĂDĂLINA DINA	34
Preocupações diárias MĂDĂLINA DINA	35
Eu, às vezes MARIA STOIAN	36
A falta de inspiração MARIA STOIAN	37
O que é isto por que nós esperamos? NICOLAE ZORILĂ	38
Os trocos do amor VALERIA MIHĂILESCU	40
A responsabilidade dos pais VALERIA MIHĂILESCU	41
Nota da Organizadora SÓNIA DIAS MENDES	42

PREFÁCIO

NOTAS DE UM LEITOR PRIVILEGIADO

É necessária uma língua estrangeira às vezes para tornar pessoas estrangeiras em amigos, ideias estrangeiras em conhecimento, possibilidades em experiências. Às vezes, uma língua estrangeira deixa as coisas mais claras: opiniões, limites, desejos.

Ter acesso às ideias e atitudes dos estudantes achei sempre um privilégio, portanto fiquei grata pela generosidade desta edição, que partilha connosco um pouco da energia e das escolhas dos jovens. Desta forma, uma pequena parte de uma nova geração fica menos estrangeira.

Pelos assuntos postos em discussão, pelo tom grave ou brincalhão, pelo lugar em que foi colocado o “eu”, as crónicas revelam-se como um momento de pausa e reflexão – gostei de imaginar o processo todo: cada autor em frente ao ecrã, optando por realidade ou ficção, ou talvez misturando as duas, como quem olha no espelho, construindo um discurso próprio fazendo uso das ferramentas ganhas nas aulas, tentando conciliar perspectiva com concordância verbal.

A escrita deixa transparecer, por vezes, discretamente, construções de frase romenas, o que achei um ganho, um belo sentimentalismo sintático. Faz referência a um ponto de partida. Seria bom que daqui a dez ou vinte anos, os autores destes textos voltassem a lê-los e reeditassem o volume, assinando também um novo prefácio para dar um ponto da situação.

O movimento que o título imprima, *Cronicando*, continua pelo livro todo num constante diálogo, uma leitura interativa, porque os autores vão perguntando muitas perguntas mais ou menos cómodas, vão pedindo muitas opiniões e confirmações, não deixam o leitor a afastar-se. (Espero que fiquem assim curiosos por muito tempo.)

Portanto, vou pedir emprestado por um momento o estilo dos jovens autores e dirigir-me de forma direta ao leitor das páginas que se seguem: pegue e vire-as com muita delicadeza, porque encontrar voz para criar e sentir numa outra língua é um ato de coragem e de confiança posta no leitor.

SIMINA POPA
Tradutora

AMALIA PUIU

JURO QUE NUNCA ME VOU ESQUECER DESSA MULHER

Cada semana, cada dia foi para mim uma novidade, um jogo espinhoso, éramos como ratos e gatos, mas amávamo-nos com loucura. Como vos explicar para entenderem? Em qualquer discussão, cada um de nós queria gritar mais alto, ou tinha algo mais importante para dizer ou alguma queixa mais grave para fazer. Foi assim a nossa relação.

(foi tão difícil para mim, mas tão lindo)

A Maria foi a mulher da minha vida, um arco-íris em dias chuvosos, mas todas as coisas bonitas têm um fim, e o que nós tínhamos foi lindo (mesmo que eu liste as coisas más). Mas o que é que se pode fazer? Isso é o que o destino quis (ou melhor, o que ela quis). A decisão dela de terminar tudo e seguirmos caminhos diferentes foi algo previsto, mas ao mesmo tempo inesperado, dado que sempre pensei que seria eu a dizer: STOP. Merecia ter pelo menos agora a última palavra, se durante toda a relação tinha sido sempre ela a tê-la.

A minha mãe dizia-me sempre: Tem cuidado com ela, é muito mais bonita do que tu. A minha mãe sempre soube o que dizer. Tem aquele dom de dizer exatamente as coisas pelo nome, de dizer o que pensa, mas não necessariamente para te fazer sentir melhor, não é esse o seu propósito, mas para te abrir os olhos (ou pelo menos isso é o que ela diz).

Nunca entendi a minha ex-namorada, fui sempre o personagem negativo, cabisbaixo e que não compreendia que ela tentava realmente manter a relação por nós. Esse argumento estava sempre presente quando tentava sair de uma situação (ou já sabem, para ter a última palavra). As discussões podiam durar horas, era como se nunca nos cansássemos de nos contradizermos.

Mas agora tudo acabou, todas as disputas, discussões, contradições, estou livre, por assim dizer. Ainda há dias em que penso que talvez pudesse ter mudado o final, se não o conteúdo. Talvez se eu não tivesse gritado tão alto na última discussão não tivesse terminado assim, com copos partidos, reclamações do vizinho (orelhas de coelho sabia sempre quando bater no cano), palavras feias ditas por causa de nervos. Mas não posso mudar nada e só posso aceitar e abraçar o passado.

AMALIA PUIU

A MALDIÇÃO

Há um ano, conheci o amor da minha vida num café de esquina. A cafetaria onde aconteceu a magia será sempre um lugar especial nos nossos corações. Lá, nós também quisemos organizar o nosso casamento. Mas que sonhos. Não?

O casamento, que deveria ser uma coisa sagrada, transformou-se num pesadelo e tudo aconteceu por causa da minha futura sogra. Mesmo percebendo que era um obstáculo para este casamento, não queria desistir nem por um momento de nós e da nossa intimidade.

(o que eu não daria para que a minha futura esposa pensasse como eu...)

A relação da minha noiva com a minha sogra é muito especial, a minha futura esposa teve muitos namorados antes de mim, mas nenhum o foi por mais de algumas semanas. Coincidência? Eu não acho que a minha querida futura mãe tenha permanecido quieta nessas outras relações.

Basta pensar no que ela me fez... Uma vez pagou a uma mulher para me seduzir. Nesse momento, discuti esse assunto com os meus amigos: devia ter sido ela. Ela muitas vezes insinuou que eu não era fiel à sua filha. Mas, obviamente, estou a brincar, dizia ela... Que caso não tivesse percebido, ela estava sempre pronta para brincar e eu era o alvo favorito.

Fiquei calado também quando ela planeou um encontro entre a sua filha e um príncipe encantado, ou assim ela apresentou o pobre rapaz quando pensou que nós tínhamos terminado.

(Acho que discutíramos uns dez minutos e já tinha outra pessoa para o amor da minha vida.)

Pela minha namorada prefiro abster-me de comentários sobre a mãe, mas não consigo ficar quieto, quero convencer a minha namorada a começar de novo noutra cidade, criarmos uma família lá, sem a minha sogra a assistir a cada movimento nosso todos os dias. Quero intimidade.

E é exatamente esse discurso que terei com a minha esposa, depois do casamento. Serei paciente até ao casamento, não importa se sou provocado, não vou cair na armadilha de ninguém. Mas depois, irei embora e continuarei o meu casamento em paz.

ANCA NAGY

CUIDADO COM O DEGRAU

Encontro-me com a minha família no carro do meu primo e ouço-o a falar a viagem inteira apenas sobre a sua viatura: que marca é, que comodidades tem, qual foi o preço, etc. Ninguém da minha família, por nunca ter tido um automóvel, se importa com estes detalhes.

Encontro-me depois num supermercado. Falo com uma vizinha que me conta como estão os filhos dela: um está na faculdade de medicina e o outro naquela da informática. Em qual faculdade estudo eu? Línguas estrangeiras? Teria conseguido estudar algo melhor, era uma criança estudiosa!

Encontro-me a falar com uma amiga no Facebook. Ela diz-me que estuda muito para ter uma melhor carreira no futuro. Ela é uma menina boa, quer sempre ser a número um em todos os tipos de competições.

Encontro-me, por fim, a ler uma crítica dum escritor desconhecido sobre o novo romance dum autor consagrado. O comentário exprime a admiração dele pelo romance, mas eu sei que ele escreve géneros completamente diferentes.

Estou contente por todas estas pessoas. Porque não estaria? Eles têm dinheiro, estatuto social, carreiras e reconhecimento, exatamente o oposto de mim.

Mas vocês devem saber que:

o meu primo conseguiu o dinheiro necessário para comprar o seu veículo maravilhoso através da sua família, que se encontra muito dividida (apesar de terem muito dinheiro, nunca têm momentos de paz).

a filha mais velha da minha vizinha não teve um namorado até aos 25 anos, e o filho mais novo passou as férias de verão em casa, a estudar para os exames (nenhum dos dois teve uma infância ou adolescência verdadeiras).

a minha amiga está depressiva (ela fica muito chateada de cada vez que não consegue ser a número um, e a carreira que procura não é a que realmente deseja).

o escritor não gostou do romance do autor consagrado (mas ele deseja reconhecimento no mundo literário e, por isso, deve elogiar outros escritores).

Sendo o polo oposto deles, eu não tenho um carro, mas tenho membros da família que se dão bem; não tenho um estatuto social importante, mas tenho uma vida (mesmo que seja simples!); não tenho uma profissão admirável e provavelmente nunca vou ter, mas estou contente com aquilo que faço; não tenho reconhecimento, mas conheci pessoas especiais que me ajudam a crescer.

Ainda não tenho a certeza se todas estas coisas que eu tenho são mais importantes do que as deles. Provavelmente, a verdade fica nalgum lugar no meio. Contudo, duma coisa estou segura: nem todos os degraus subidos valem a pena.

ANCA NAGY

A CULPA É NOSSA

Era uma vez um presidente que vendeu quase toda a frota do nosso país por uma pequena quantidade de dinheiro. É claro que o resto do valor dos navios chegou apenas às mãos daquele homem mesquinho. Todos sabiam isto.

Um dia, um certo polícia estava a ver na televisão as notícias sobre o caso acima mencionado. Declarou-se muito insatisfeito com o que aconteceu: por causa disso e de outros casos semelhantes é que nada funciona no nosso país. No entanto, ele tinha um papel importante no tráfico humano, assinando alguns papéis que permitiam aos traficantes mover-se eficientemente.

Um dos seus colegas do trabalho sabia isto e achava uma coisa horrível, mas nunca tentou tornar aquela informação pública ou avisar pessoas em posições superiores. Apenas fechou os olhos e, às vezes, aceitava gorjetas. Porém, era muito melhor do que o parceiro desumano dele!

O último polícia fora colega de liceu de dois amigos que estavam a falar sobre ele numa tarde de sábado. Ele ganha muito dinheiro sem fazer algo útil para a sociedade e nós devemos trabalhar arduamente! É verdade, não os vou contradizer (muito). Todavia, um deles tinha uma função importante numa empresa e empregava só conhecidos dele. Naquele dia, ele propôs a mesma coisa ao *mano* dele e o último aceitou, agradecido porque poderia mudar para um emprego melhor sem se esforçar.

Todas estas pessoas julgaram serem boas, que não tinham culpa nenhuma e que outros lhes faziam a vida difícil. Alguns eram piores do que os outros e nenhum deles queria mudar de hábitos sem os outros fazerem a mesma coisa. Para ser um tolo? Um derrotado? Não gostam todos de ter dinheiro?

E no final sou eu (e provavelmente muitos de vocês também) quem critica estas ações. Acho que não tenho culpa nenhuma, dado que não roubo, não aceito coisas grátis e não faço nada que seja proibido. Mas depois lembro-me que tampouco faço algo para melhorar a situação (da empresa em que trabalho, do país, do mundo, o que quer que seja). Sim, tento reciclar e utilizar produtos sustentáveis, às vezes partilho algumas coisas com conteúdo crítico nas redes sociais e retiro da minha vida as pessoas como aqueles polícias. Sim, o que faço é algo e é melhor do que nada (penso que se todas as pessoas agissem como eu, o mundo seria um pouco melhor), mas seria isto suficiente? Não consigo ver nenhuma mudança. O país ainda se vende. O tráfico humano ainda existe. As pessoas ainda são injustas entre elas e só se preocupam consigo próprias. O planeta ainda está a morrer... e todo o mundo espera para ser salvo em vez de se salvar. Não é, simplesmente, suficiente.

ANDRA ARDELEANU

EU, ÀS VEZES

Não quero falar com ninguém. Não quero ouvir nada de ninguém que me faça sentir melhor. Só quero ficar aqui, na minha solidão, longe da saída deste estado de autodestruição. Porque é que gosto de ficar nele? Porque é que, às vezes, sinto a necessidade de me esconder da minha própria felicidade?

Espero que entendas do que estou a falar. Para mim, nem sempre faz sentido. Não sou uma pessoa excessivamente pessimista e, claro, adoro os meus amigos e família. Mas há aqueles momentos – mais e mais frequentes ultimamente – em que quero desistir. Não penses em algo mórbido. Não é nada disso. É só um desejo de deixar tudo o que já tenho e fugir para um lugar desconhecido. Onde ninguém sabe de mim. Onde não tenho de agradar aos outros, porque não têm expectativas em relação a mim. Onde posso ser eu, a minha versão mais autêntica possível. Achas esta ideia banal, não é? O plano típico de alguém incompreendido, que quer mudar de vida depois de encontrar a desilusão no caminho.

A verdade é que, com a passagem do tempo, me dei conta de algo: só quero fugir de mim. Por isso fujo dos outros. Percebi que tenho medo de sentir. É algo assustador, então escolho a solidão, a falta de satisfação emocional. E tenho tanto medo do amor. Este sentimento tão complexo dá-me dores de cabeça. Como amar alguém corretamente? Nunca encontrei a resposta para esta pergunta. Eu amo demais ou não amo de todo. Parece-me impossível ser equilibrada quando se trata de emoções, sabes? Elas são o meu maior inimigo. É melhor estar sozinha, neutra, sem sentir nada. É confortável.

Dou-lhes tudo enquanto não me dão nada. E sofro muito, às vezes, porque esta injustiça se torna insuportável. Quando me deito na cama e começo a chorar, pensando que nunca vou ser suficiente. Quando estou sentada num banco, no meio do movimentado centro comercial, à espera de alguém que nunca vai aparecer. De novo, não entendo o que fiz de errado. Então, como achas que podia aceitar afeto? O carinho das pessoas que realmente me adoram, que querem o melhor para mim? Como podes estar tão seguro das boas intenções delas? Mudam sempre, enquanto as minhas preocupações permanecem as mesmas. Não posso confiar em ninguém.

Às vezes, a minha solidão é o único refúgio. Quando estou comigo mesma, não tenho de me preocupar com os outros. O descontentamento é o que me permite sentir. É mais fácil do que o amor. A solução não é fugir, mas aceitar a boa vontade dos outros. Tu sabes isto, e eu também, mas o processo de aprender a receber e mostrar afeição é sempre uma confusão. Mereço mais. Preciso de amar. Mas, por agora, não quero falar com ninguém.

ANDRA ARDELEANU

TINHA UM SONHO

Aos cinco anos de idade, eu já tinha um sonho. Ouvi o meu pai a gritar com a minha mãe, pela milésima vez. Aquele homem desprezível estava bêbedo de novo. Em vez de trabalhar (a minha mamã era quem ganhava o pão), gastava dinheiro em cerveja, vinho ou qualquer outra bebida alcoólica. Quase nunca o via sóbrio. Naquele momento estava pior do que em outros dias: era a segunda palmada que dava na pobre mulher. E eu, no canto do quarto, escutava a conversa: sai da minha casa, caramba. E depois: não és nada sem mim, cala a boca. Qual era o meu sonho? Aos cinco anos de idade apenas, queria mesmo sair daquele lugar maldito, o meu chamado lar.

Aos treze anos de idade, eu tinha um sonho. Estava na sala de aula. Sozinha como sempre, no meu banco. Um grupo de meninas analisava-me e ria-se de mim. Como podia alguém tão pobre, feio, estúpido e sem talento respirar o mesmo ar que aquela turma? Não tinha amigos, porque era, de facto, desfavorecida. Não me vestia com roupa bonita, não arranjava o cabelo, não tinha admiradores secretos. De facto, eu não existia. Não queria falar com os outros, nem com a colega que, às vezes, sorria para mim. Só conhecia a dor e o desrespeito. Os meus pais não sabiam cuidar de mim (não cuidavam deles próprios), nem me amavam. Por isso, deixava os outros gozarem comigo. Sabes qual era o meu sonho? Queria fazer um amigo, atrever-me a dizer algo. E ficar forte, mesmo se tivesse de lutar sozinha contra uma multidão de princesas mimadas.

Aos dezoito anos de idade, eu tinha um sonho. O meu pai morreu depois de beber demasiado. A minha mãe (finalmente feliz), decidiu livrar-se de mim também. A presença da filha era muito stressante para ela. No dia em que terminei o secundário (com resultados excelentes), expulsou-me de casa. Sem dinheiro, sem nada. Que vergonha! Felizmente, eu fizera uma amiga na escola, a antiga companheira sorridente: não te preocupes, vou ajudar-te. O sofá dela tornou-se no meu novo abrigo: lá, chorava, sofria, às vezes ria, apesar de sempre voltar a chorar. No entanto, nunca desisti. Trabalhava doze horas por dia num supermercado, todas as semanas, para ganhar o dinheiro que nunca tivera. O sonho? Conseguir estudar na universidade, longe daquelas desgraças. Tornar-me no líder da minha vida, de uma vez por todas. Ninguém me ia destruir de novo.

Aos vinte e cinco anos de idade, ainda tenho um sonho. Terminei a faculdade. Agora tenho um emprego seguro e poupei bastante dinheiro para comprar o meu próprio apartamento, na capital. Encontrei a minha alma gémea, o homem mais bonito do mundo. Um homem que não bebe, não fuma e que me trata bem. Tenho muitos amigos também, pessoas de qualidade, que me ajudam a crescer todos os dias. Então, qual achas que seria o meu sonho? Continuar a ser a melhor. Nunca me queixei, nunca fui preguiçosa. As minhas

experiências na vida não foram as melhores, mas sempre descobri a ambição escondida dentro de mim. As nossas circunstâncias não são o nosso fim. Temos o poder de mudar tudo. Jamais perdi a fé. Os sonhos não vão morrer.

ANDRADA MILITARU

O JÁ E O AINDA

Muitas vezes tentei mudar os maus hábitos que fui criando desde a infância até a este ponto da vida: a maturidade, porém, consegui? Não saberia responder. O que achas, leitor? Tu conseguiste mudá-los? Ou ainda estás à procura duma resposta divina?

Eu já tentei fazer mudanças, porque esses hábitos são como o amor, o álcool, os cigarros, uns vícios dos quais é muito difícil escapar (poderia nomear também as drogas, mas a coisa tornar-se-ia bastante séria, então é melhor não mencionar um dano tão forte).

A vida tem vários ciclos. Ela marca uns momentos do passado – quando dizem que algo já aconteceu – e do futuro – quando as coisas ainda estão por acontecer. Acho que no meu caso os resultados começarão a ver-se daqui em diante.

Imagina, leitor, que algum dia alguém te conta que fez uma viagem ao futuro (incrível, não é?), se tens uma imaginação viva, nada é impossível. Esta pessoa quer informar-te que teve um encontro com a versão de um tu inferior, uma variante que pouco mudou. A imagem deixa-te mudo? Então, começa hoje a fazer tudo aquilo que normalmente adias.

Uma pessoa de sucesso disse um dia que todas as mudanças começam dentro de nós. Considera, por exemplo, o exercício diário de fazer a cama. Esse revolucionário atrevido disse assim: Começa por fazer a cama e tudo ficará mais simples!

Se ainda não começaste a fazê-lo, creio que, pelo menos, pensaste já alguma vez em tê-lo em consideração. Vale a pena todo o esforço, vais ver!

ANDRADA MILITARU

NINGUÉM SABE, MAS TODOS...

Ninguém sabe as cores da tua mente. Mas todos conhecem o teu nome.

Ninguém sabe a tua dor. Mas todos conhecem o teu sorriso.

Ninguém sabe que tens feridas que ainda sangram. Mas veem uma mulher forte.

Tu, o que vês quando olhas para o espelho? Uma desconhecida, um reflexo da menina assustada e fraca que eras?

Ou a imagem da mulher absoluta em que te converteste com cada golpe que te deram?

A história desta menina começa há muito tempo atrás...

Tinha uns 8 anos quando se deu conta de que o seu melhor amigo era ela mesma. Não porque não tivesse tentado falar com os outros, mas porque descobriu que eles não queriam falar com ela. O motivo? Um mistério inefável – pelo menos nessas alturas da vida. Sentiu-se confusa e dececionada: Eles iam ver! Um dia destes.

O mundo não é para todos, eu sei agora. Quando és precoce, fogem de ti. Quando pareces uma barata tonta, também te julgam, riem-se de ti. O melhor mesmo é seres tu mesma, porque os outros nunca estarão satisfeitos! (Palavras da minha avó). Não consideres as meras e superficiais perceções de pessoas que ainda não amadureceram – a crítica só é benéfica quando traz mudanças. A malícia nasce de uma educação deficitária. Consigo recordar muito claramente as palavras da minha avó: A tua missão no mundo supera as expectativas dos outros. Lembra-te disso, menina, porque às vezes a vida te tratará não como mereces, mas como precisas de ser tratada para poderes aprender a tua lição.

Desde esse momento até agora, as palavras cheias de sabedoria tornaram-se no meu adágio. Não consegui entender a razão pela qual os outros meninos não me queriam falar, talvez porque parecia sempre tão triste e afastada do mundo. É verdade que vivia num mundo próprio, um reino mental que me permitia livrar-me duma realidade plástica, que parecia irreal e, para estar longe do universo que me rodeava, entrava no meu cosmos, espaço onde podia ser a imperatriz – uma mensagem do subconsciente como diria o senhor Freud-, mas já deixei bem claro que era uma intelectual, enfim... Onde é que eu ia mesmo? Cosmos... Imperatriz... Já me lembro. Estava no processo de criação do retrato psicológico da menina marginalizada. Com efeito, essa menina criou e criou e criou, convertendo-se numa verdadeira dama.

Nestas alturas da vida, esse ser solitário de antes não se esqueceu do comportamento descarado dos outros, mas conseguiu transformar essas maldades num

poder intrínseco incrível. Esta mesma força fê-la aguentar tudo com naturalidade. Porque do que a menina se deu conta é que:

Todos conhecem o teu nome. Mas são poucos os que conhecem a tua alma.

Todos podem ver o teu sorriso. Mas são poucos os que sabem a razão dele.

Todos se deram conta de que és uma mulher forte. Mas são poucos os que conhecem as lutas pelas quais passaste.

Perguntas-te quem seriam os poucos? Muito bem, isso quer dizer que prestaste atenção às minhas palavras. Por isso mesmo, se ainda não te deste conta, são os amigos. Sim, porque a menina antes marginalizada conseguiu conquistar a alma de muitas pessoas. E sabes porquê? Oh, isto é muito engraçado. Conquistou-lhes as almas sendo ela mesma! Simplesmente isso!

Se não entendeste, a resolução é ainda mais simples: seres tu! Poder maior não conheço e atrevo-me a dizer que não conhecerei!

ANDREEA BRUMARU

EU, ÀS VEZES

Eu, às vezes, não consigo encontrar motivação suficiente para fazer todas as coisas que devem ser feitas. Acho que este é um aspeto muito importante da vida quotidiana, dado que todos temos tarefas diárias ligadas ao emprego, à família ou à escola e, por esta razão, uma boa organização e motivação são essenciais.

Mas nem sempre tudo é como desejamos, não é? Há tarefas que necessitam de muito tempo, são coisas que não amas fazer, há alguns momentos em que estás cansado e não queres ouvir nada, mas ser uma pessoa adulta exige maturidade e seriedade. É a existência que nos leva a omitir os limites que existem na nossa cabeça e há situações em que o objetivo importa mais. Da mesma forma, acho que deve existir pelo menos um pouco de paixão em tudo o que nós fazemos. Através dela, do entusiasmo e do prazer, cada pessoa pode acabar mais rapidamente as responsabilidades que tem e, quando termina o dia, não se vai sentir aborrecida. Reconheço que não encontrei a minha paixão até agora e houve muitos momentos em que fazia algo de que não gostava. Contudo, sei o que é e o que não é importante e tento sempre descobrir algo bonito nas coisas que parecem horríveis ao princípio. Quero aprender com os meus erros, visto que eles representam um exemplo e considero-os muito úteis no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal.

Às vezes nem eu estou motivada. Às vezes? Não. Quase sempre! Apesar de tudo o que disse até agora, acho que é preciso saberes que nada vai funcionar se não trabalhares para ela. Há dias em que a motivação não funciona – especialmente quando temos um mau estado de espírito ou algo mais íntimo aconteceu e não podemos pensar positivamente. E que podemos fazer? É uma situação sensível, contudo, com ou sem a nossa tristeza, o mundo ainda continua a funcionar; nada para, nem sequer o tempo, este terrível inimigo. É por isso que nos devemos esforçar para conseguir finalizar as tarefas domésticas, a limpeza ou quem sabe que projeto, porque a satisfação que vamos receber depois vale de certeza a pena. Quem diz que é sempre muito ativo e que não tem dias mais difíceis mente. É mesmo normal e natural que não tenhamos sempre força e determinação; são características humanas que nos definem e devemos aceitar que há momentos em que o descanso é necessário.

ANDREEA BRUMARU

A CORRUPÇÃO MATA

A corrupção é um problema real que existe na maioria dos países, sejam grandes ou pequenos, e produz um grande número de dificuldades. Hoje em dia, fala-se sobre ela nas notícias, sobre as perdas económicas produzidas e sobre a reação da população que sabe todos os efeitos negativos da corrupção e, por esta razão, protesta.

Se eu te disser que há um espaço muito acostumado com a falta de justiça e que um grande número de especialistas, médicos, professores e indivíduos simples, sem estudos, preferiram ir-se embora do que viver aí, acreditarias nas minhas palavras? Esta é a realidade da Roménia e não estou a enganar-te – com isso não se brinca. Sabes muito bem o que falo – estás a par desta realidade e podes vê-la todos os dias.

Depois da queda do regime comunista, o povo ficou cheio de esperança num futuro melhor. Nós tínhamos ganhado a liberdade – nem eu, nem tu, mas os nossos pais – e, no início, a vida parecia boa, visto que as pessoas podiam viajar para o estrangeiro, tinham toda a comida que queriam e era suficiente. Mas agora a situação é totalmente distinta. A nação sabe como funciona o mundo, lê e vê que o resto do globo avançou, enquanto nós ficámos para trás. Não temos confiança no sistema de saúde, na justiça e, mais importante, naquelas pessoas que nos conduzem: nos líderes. É uma batalha. A corrupção é uma luta contínua, a batalha dolorosa, onde não se sabe quem ganha. De certeza que não o povo. Ele perde constantemente.

– Por que razão destruíram tudo? – pergunta a multidão enfurecida.

Evitaram a resposta: não sabiam um motivo bom, queriam só dinheiro obtido facilmente. É muito triste observar que uma região que foi rica, agora oferece só incerteza e frustração. Temos natureza e objetivos turísticos, mas não há uma rede de autoestradas que as consiga unir, um grande número de escolas não tem materiais didáticos modernos e o sistema educativo não aborda assuntos atuais, de interesse. Morrem pessoas por causa da falta de condições nos hospitais, muitas meninas engravidam antes de atingirem os dezoito anos e a enumeração poderia continuar, mas não quero entristecer-te mais.

As pessoas protestaram: queremos um país melhor que garanta boas condições para os nossos filhos. Houve protestos contra a injustiça, em que se quis mostrar o desacordo forte com as autoridades e “A corrupção mata” tornou-se muito popular e especificamente romena. E tu? O que achas? Conseguiremos salvar-nos desta doença interminável?

ANDREEA RĂDUCA

OS TROCOS DO AMOR

Amor. Porque é que este sentimento nos preocupa sempre? Porque é que todas as canções falam dele e todos os poetas o cantam? Estas são as perguntas que ocupam a minha consciência e o meu pensamento e para as quais não consigo encontrar respostas. Talvez sejam a profundidade das emoções e a saudade que lhes segue que levam os namorados a apaixonarem-se, ou os momentos de felicidade que o acompanham e que lhe dão beleza. O que é que o leitor acha desta paixão ardente que faz parte da sua vida do dia a dia? É um fogo contínuo que brilha constantemente, ou a sua luz empalidece em momentos inesperados?

Vai dizer que, bem, o amor é a emoção mais forte e mais bonita do mundo, mas o meu instinto diz-me que isto traz consigo alguns compromissos (vamos chamar-lhes trocos do amor), que têm uma grande importância para manter o sentimento vivo. Na sua vida aparecerão, de certeza, situações nas quais tem de tomar em conta os pedidos da pessoa mais querida no mundo inteiro, em vez dos próprios desejos, e também trocar a sua felicidade pela do outro. A dedicação das duas metades não é sempre igual, mas isto não significa que não haja um equilíbrio entre os esforços dos namorados. Hoje você dá-lhe uma flor ou propõe-lhe ver o filme do qual ela gosta mais, amanhã ela cozinhará a sua comida favorita ou far-lhe-á uma surpresa inesquecível que mudará o seu estado de espírito. Estes gestos mostram o amor que compartilham. A essência da vida encontra-se nas ações simples e carinhosas, que guardam a prova de que, apesar das discussões e das contradições, o que sentem um pelo o outro é demasiado profundo para deixarem tudo por causa de alguns desentendimentos. Na maioria dos casos, essas carícias discretas ocorrem naturalmente e por iniciativa própria, simplesmente porque a alegria da pessoa amada é prioritária em relação à vaidade – ela representa a maçã da discórdia, a razão principal pela qual acontece a separação dum casal.

O que quero dizer, leitor, é que não ponho em causa a beleza deste anjinho fofo a que todos chamamos “amor”, mas apesar de ser o sentimento mais bonito deste mundo, ele pode ser muito sensível e imprevisível, sendo, por isso, necessário conhecer as suas faces. O meu conselho é: dê importância às coisas que fazem parte da sua vida e não desista quanto tudo parece dissipar-se. Espero que esta minha reflexão o ajude a manter a sua paixão e felicidade assim como as da sua amada (afinal, o amor é a coisa mais linda que existe ao redor dos homens e dentro deles, não é?).

ANDREEA RĂDUCA

DISTÂNCIA ENTRE NÓS

Distância... que palavra fria! Ela lembra-me do amor de dois jovens que tiveram de enfrentar esta separação inevitável. Quer ler a história deles? Quer experimentar – através das minhas palavras – o que eles sentiam quando o momento deste distanciamento tinha lugar? O que é que pensa, leitor? Sim? Bem. Tudo começou com dois jovens (que já mencionei) que se apaixonaram um pelo o outro numa maneira que nunca tinha sido vista. Eles passavam todo o tempo juntos e eram quase inseparáveis. As famílias deles sentiam a felicidade que os cercava e parecia não haver nenhum impedimento no amor que compartilhavam – o que não sabiam naquele momento é que esta paixão seria vítima dum teste difícil.

(tudo bem até aqui? vamos ver o que aconteceu na vida deste casal e qual foi a maior dificuldade que eles encontraram)

Um dia, eles estavam a passear; à sua volta havia muita natureza e o tempo deu-lhes a sensação de estarem a caminhar num dos jardins do Paraíso. O passeio deles foi interrompido pela voz do jovem que disse à sua namorada que tinha de fazer uma confissão muito importante, que não podia ser adiada mais: tomei a decisão de trabalhar fora do país. Neste momento, a rapariga ficou vermelha e não conseguiu entender totalmente as palavras dele; o seu pensamento começou lentamente a processar a declaração que ele fez e a revelar algumas perguntas que ela não podia colocar em voz alta. Como pudera ele dizer essa asneira inacreditável? Como tivera ele a ousadia de tomar uma decisão sem falar com ela primeiro? Ele disse-lhe que o seu amor por ela nunca mudaria e que iam encontrar uma solução para vencer a distância, mas, naquela altura, ela sentia que não podia confiar mais no seu namorado, porque se sentia enganada. Finalmente, ela aceitou a situação, porém, isso não significava que concordasse totalmente com essa conjuntura.

(ela pensava a todo o momento nele e queria encorajá-lo a partir, mas a tristeza que sentia era inigualável)

Ela tinha muitos pensamentos que não a deixavam em paz e um dia decidiu falar de novo sobre este assunto e todas as preocupações que se tinham apoderado dela: querido, o que faremos com essa distância entre nós? Como poderemos compensar a saudade que nascerá nas nossas almas? Mas ele estava também preocupado. Poderia resolver aquele problema? Como? (Era certo que havia sido ele quem trouxera essa dificuldade, essa situação irresoluta, e sentia-se com a consciência pesada). Finalmente, eles chegaram à mesma conclusão: o namorado voltaria periodicamente, quando pudesse e, às vezes, ela iria visitá-lo. Também, enquanto estivessem separados fisicamente pela

distância, eles escreveriam um ao outro para estarem juntos espiritualmente, e claro, esperariam sempre um pelo outro.

E com isto, leitor, os dois decidiram que o amor deles não seria destruído pelo afastamento, porque têm a coragem de confiar um no outro. Este demónio cruel é um dos motivos principais da separação dos casais, mas alguns viram-no como um compromisso e como uma ocasião para fortalecer a relação – assim como uma promessa que faz parte dos “trocós do amor”. Concorda comigo?

ANDREI PREDA

EU, ÀS VEZES

Relâmpagos e trovões na minha janela. Eu, às vezes, gosto destes sons, desta imagem. Na maior parte do tempo, muitas pessoas tremem como varas verdes quando veem a rápida flecha azul caindo do céu na terra, e a criança dentro de mim pode concordar com elas, dado que na minha infância, ficava branco de medo quando começava tal aguaceiro. Mas isso não acontece mais. Quanta inspiração me traz este fenómeno. As palavras surpreendem a folha em branco assim como os relâmpagos iluminam o céu escuro e as ideias ecoam na minha cabeça tal como os trovões no silêncio da noite.

Desde que o mundo é mundo, gostei de fazer algo novo, algo que me trazia aquela sensação de euforia. Jogar basquetebol, tocar guitarra, escrever poemas. Estas coisas faziam-me sentir especial, mas cada uma delas fê-lo de uma forma diferente. Por exemplo, posso dizer que o basquetebol me ajudou a fazer-me homem, porque aprendi a tomar atitudes, aprendi a ser um líder e aprendi a ser uma pessoa forte. Ao mesmo tempo, as outras duas atividades combinavam-se entre elas, visto que podia expressar os meus sentimentos, criando arte da alma. E não acabei aí. Ainda estou à procura de novas sensações. Cozinhei a minha primeira refeição há alguns dias. Foi uma experiência inesquecível e descobri que tinha jeito para cozinhar. Enfim, o que interessa é que você terá sempre algo para aprender com qualquer coisa que realize, especialmente se gostar de a fazer. Afinal, se não tentar praticar nada, o que terá para contar aos sobrinhos?

Às vezes, penso na nossa vida e no facto de que ela é tão curta e imprevisível. Muitas pessoas passam pela vida sem a viverem. Só existem. Trabalham como mouros, são superficiais, não se interessam pela felicidade verdadeira, preocupam-se com a ideia de ter dinheiro como lixo. É isso que faz sentido para elas. Mas quando estão quase a morrer, algumas percebem que não experimentaram o que realmente desejavam dentro das suas almas, além da parte material. E ficam cheios de remorsos. Por isso, deve viver a vida, ouse ser diferente, sem qualquer medo, e será recompensado.

ANDREI PREDA

O INTERMINÁVEL CONFLITO ENTRE GERAÇÕES

Não posso ser o único a ter percebido que existe uma grande discrepância entre gerações. Alguns tratam isso como um conflito, outros como um tópico de discussão ao jantar em família (essa mesma refeição pode levar a um conflito), e finalmente há outras pessoas que o veem como uma piada. Aqui refiro-me às inúmeras brincadeiras do tipo: «No meu tempo...» – é claro que já todos ouvimos pelo menos uma vez nas nossas vidas este enunciado. Como o meu avô: precisava de mover montanhas para ir à escola, nós não sabíamos nada sobre a vida. E desatávamo-nos a rir. Enfim, mesmo que o nosso avô exagerasse, ainda havia um pouco de verdade nas suas palavras. Foi muito mais difícil para as gerações anteriores no que diz respeito à educação, ao trabalho, à comida, etc. Hoje em dia os jovens são preguiçosos, ficam presos às redes sociais e não fazem nada produtivo. Ou pelo menos é o que dizem os pais e avós desses pobres seres.

Não podem existir duas gerações idênticas, elas distinguem-se por si só, por características específicas. Porém, sempre houve a ideia de os pais se queixarem aos filhos. Os nossos avós lamentaram-se aos descendentes sobre como viveram dificilmente durante as guerras, e então os nossos pais lamuriam-se como a vida era difícil durante o período comunista. Observa-se o ciclo vicioso? Sem dúvida, cada geração trouxe algo novo que provocou várias reações, a maioria delas negativas. Por exemplo, os smartphones. Qualquer mãe se queixa do seu filho, que está sempre nas redes sociais e que joga o dia todo. Não ouço ninguém dizer: fico feliz pelo meu filho porque tem um dispositivo na mão que pode ajudá-lo com as informações de que precisa e que lhe dá a oportunidade de ficar em contacto com os seus amigos constantemente. E isso acontece dado que as coisas já mencionadas eram impossíveis ou muito difíceis de obter durante as épocas das gerações anteriores. O que é engraçado é que a maioria dos pais incomodados com os smartphones e com os efeitos que têm sobre seus filhos fazem exatamente a mesma coisa, o que significa que eles usam o Facebook constantemente, partilhando centenas de fotografias, e jogam CandyCrush o tempo todo, até ficarem sem bateria. Aqui está uma nota de ironia.

Agora a sério, além das brincadeiras do tipo «No meu tempo...» e das queixas dos idosos, eles só querem o que é melhor para nós, seus descendentes. É nosso dever tratá-los com respeito e ouvir o que nos dizem, porque não querem que nós repitamos os erros que cometeram no seu tempo. Estão determinados a ensinar-nos como estar preparados para a vida, que eles já viram e cujas dificuldades conhecem. Eu sei que qualquer jovem pensa em saber tudo e que ninguém é melhor do que ele, mas às vezes é bom pedir conselhos aos pais ou aos idosos. Temos que entender que eles tiveram experiências

diferentes e, portanto, têm uma mentalidade distinta e outras concepções da vida em geral, e precisamos trazer a “paz” para esse tão divulgado conflito de gerações.

COSMINA DIMA

EU, ÀS VEZES

Eu, às vezes, sinto-me sozinha. Que maneira pessimista de começar esta crónica! Mas não entre em pânico! Tenho certeza de que também você, leitor, teve momentos na sua vida, e talvez ainda tenha, em que se sentiu assim.

Não me refiro ao facto de não ter interação humana (não é disso que se trata), mas, muito provavelmente, a esta realidade: apesar de estar rodeada de pessoas, tenho momentos em que pareço estar só, longe do que se fala ao meu redor. Não me interprete mal, tenho pessoas extraordinárias ao meu lado, gente que amo e aprecio e por cuja presença na minha vida sou muito grata. Além disso, a minha irmã é a pessoa a quem me confesso; ela dá-me conselhos e ajuda-me quando me sinto perdida. Mas há dias em que, simplesmente, não aguento as discussões superficiais, a bisbilhotice ou os comentários que são ditos para preencher o silêncio. Essa conversa incessante, em muitos dias, torna-se cansativa.

E, não raramente, me pergunto: tenho o direito de me sentir assim? E a resposta a essa pergunta é: claro. Ultimamente, aprendi a aceitar que não há nada de errado comigo se sentir a necessidade de me afastar, por um breve período, para refletir sobre o que é importante para mim, para me encontrar depois de me ter perdido na multidão de vozes que me contaminam por todos os lados. Leitor, frequentemente, acabamos por nos perder na multidão, vivendo as nossas próprias vidas como os outros dizem, não como realmente nós queremos. Quando sinto que isso acontece, afasto-me. Faço isso pelos outros, mas, acima de tudo, faço isso por mim mesma. Acho que alguns chamariam a isso egoísmo, mas, no final, é esta uma atitude realmente egoísta?

Essa é a solidão a que me refiro. A solidão que ocorre após a perda da identidade, quando os princípios e os valores morais já não estão em harmonia com a vida que você deseja viver, quando as vozes dos outros se tornam a sua voz interior. Essa “doença do século”, se me é permitido designá-la assim, manifesta o seu primeiro sintoma quando você não se sente bem consigo mesmo, quando se sente sozinho no momento em que está num quarto e não tem nada para dizer a si mesmo.

Eu, às vezes, sinto-me sozinha.

COSMINA DIMA

DESAPONTAMENTO...

Porque decidem as pessoas mudar de comportamento num instante e acabam por se tornar em alguém que não consegues mais reconhecer? Uma pergunta que me tem preocupado ultimamente, mais precisamente nos últimos dois meses.

O sentimento que experimento é o desapontamento. Sei que você, leitor, dirá que essa revelação surpreendente só aparece quando o Homem tem expectativas relativamente a outras pessoas. Não obstante, eu pergunto: como não criar expectativas quando nos envolvemos emocional, espiritual e fisicamente? É impossível, digo eu. Sou o tipo de pessoa que faz um esforço total com as pessoas em quem acredito; espero o mesmo ânimo do lado oposto. Em teoria parece simples, não é? A realidade está aqui para me contradizer e para se rir na minha cara: minha querida, ainda não queres aprender a lição? Talvez não.

É difícil para mim entender como uma pessoa a quem ofereces o teu respeito, a confiança, o apoio, diante de quem escolhes ser vulnerável e que, por sua vez, parece empenhada em manter a mesma conexão, pode esquecer tudo o que sempre foi num piscar de olhos e tornar-se irreconhecível. Se fôssemos sinceros desde o início no que diz respeito ao que são as nossas intenções; se, mais importante ainda, fôssemos honestos connosco mesmos, não chegaríamos a um final tão infeliz.

Ultimamente, tenho tendência para acreditar cada vez mais nas palavras que uma pessoa próxima me disse: Não conhecia realmente uma pessoa até que não visse, pela primeira vez, a sua reação a uma situação crítica sobre a qual não tivesse controlo. Como os animais, quando nos sentimos ameaçados, atacamos, ficamos na defensiva, deixando-nos guiar pelos nossos instintos primários e esquecemo-nos completamente de ser racionais e cerebrais. O desespero causado pela incapacidade de manter a situação sob controlo dá origem a sentimentos de frustração e raiva, que culminam em palavras lançadas ao acaso, mas que, infelizmente, permanecem nas nossas mentes para toda a vida.

Desse ponto em diante, é só uma questão de tempo até que o desapontamento apareça.

CRISTINA PETRESCU

AQUELE ALI ATRÁS SOU EU

Cabelo louro, comprido, olhos perdidos no espelho de qualquer mundo distante, a olhar para um homem jovem na sua idade e nas suas esperanças... Aquele ali atrás sou eu! Sou eu! E o universo todo me respondia: eeeeeeeeeuuuuuuuuuuuu! E quando a substância infinita desta música divina me entrava pelos ouvidos, deixava-me a flutuar ao seu som suave e a viajar pelos campos infindáveis da minha imaginação. Lá, tudo se me mostrava leal e generoso: a relva oferecia-se aos meus pés com um prazer que se lhe sentia na densidade da cor e da fibra.

Hoje ninguém me responde. Vais dizer que isso é normal. Afinal, nem eu me atrevo a gritar como um louco que quer partir as janelas do mundo. Fico quietinho no meu canto, de onde observo o gato a dormir um sono sem sonhos, sem desejos. E este novelo de pêlo desenrola-se no meu estômago, onde começo a sentir um nojo desmesurado, que me faz sair à pressa. Mas para onde ir? E para quê? Antes de deixar as perguntas sufocarem-me, desço as escadas a correr, sem pensar em nada. Esbarro com a Fé (a minha vizinha). Seu louco! Continuo a descer, sem dizer nada. Ela a gritar coisas que (felizmente) não entendo.

O ar dá-me uma palmada que aceito resignado e que me faz abrandar o passo. Observo assim toda uma paisagem humana que me parece saída de um quadro de um pintor indeciso: sentados num banco, estão dois homens velhos a dormir um ao lado do outro um sono que parece eterno. Furiosa, uma mãe a gritar com o filho: E agora? E agora?! Já te disse... não te disse?! Os gritos encham-me os ouvidos com o sumo ácido das palavras que também chegam aos olhos do menino e o fazem chorar lágrimas amargas, que enfurecem a mãe ainda mais. Cala-te, cala-te, caaaala-te ou vais ficar com o podre do teu pai! E a pobre criatura quase a sufocar-se ao tentar engolir as suas lágrimas. E depois ela desatando a chorar. Um homem desdentado a rir sozinho e a qualquer transeunte que vira o rosto, curioso para adivinhar, nos seus olhos risonhos, a razão daquela inexplicável alegria. Um outro homem, da minha idade, a pedir esmola com um cão pequenino ao seu lado, que coleta o dinheiro numa lata pendurada ao pescoço. Um casal muito agasalhado a comer bifanas de pé em frente de uma pastelaria. Conheço-os todos, embora não os conheça. Tu também os conheces. Bem sabemos que não esperam mais nada da vida. Que ninguém lhes responde já há anos quando gritam para o velho e surdo universo.

Chego eu assim, caro leitor, sem me dar conta, a casa da minha irmã. Toco à campainha. Recebem-me com muita alegria. Ela, o Hugo e o Alberto (o meu sobrinho) estão a ver algumas fotografias antigas. A Alexandra e o meu cunhado vão à cozinha para preparar o jantar e eu fico com o rapaz a folhear os álbuns. Quer saber quem está numa daquelas fotos amareladas. Deve ser a Marta, a tua prima. E aqui? (aquela vozinha animada

de criancinha). Aqui é a Morgana. A Mó? Não quer acreditar. Ó, titio, aquele ali atrás és tu, não és? Tocavas bateria (totalmente desconfiado)?! Quantas pessoas! Mas não podes ser tu, titio, tu não tocas bateria e nunca ouves música, passas o dia todo a consertar carros! E eu, na verdade, desconfiando ainda mais: sou, Betinho, sou eu. Aquele ali atrás sou eu.

CRISTINA PETRESCU

A DITADURA DOS SOGROS

Todos os dias. Todos os dias a mesma coisa.

Acordar bem cedo, com a limpeza do cérebro mal feita (sistema de limpeza f o r t e m e n t e danificado), a tentar fazer tudo certinho, a esberrar sempre com a mesma coisa. A menina não quer acordar, não quer trocar a fralda, não quer fazer xixi, não quer trocar de roupa, não quer, não quer...

E depois: “A estas horas?!”. Devíamos nós ter percebido já que o pequeno-almoço se toma de forma regular, na indiscutível presença dos sogros. E depois a comer juntos, a engolir o sapo do silêncio como uma pedra que cai no estômago do décimo segundo piso de uma inútil existência.

Todos os dias.

E depois, ao sair. Ninguém está bem agasalhado ou estamos todos agasalhados demais. Sair assim?

E depois, ao almoço. Ela comeu demais. Tem que comer mais. Limpa a boca, está toda suja. Não limpes, ela não vai gostar. A tigela é para sopa, não vai querer comer. No prato não consegue, põe na tigela (a tigela redonda, de forma quadrada, de cor pálido-intensa).

Todo o santo dia. Todo o santo dia a mesma coisa.

E depois, ao jantar. Se comer muito: vais engordar. Vais dormir mal. Se não comer: come isso, vai estragar-se. Para quem é que eu cozinho tudo isto? Foi para vocês que eu preparei...

Todo o santo dia. Prepare-se para isso.

Quero, não quero, vai e não vás, faz e não faças, põe, não ponhas. A ditadura dos contrários. A ditadura dos sogros. Monstros da vontade. Donos da vida de todos que de tudo se adonam. E nós?

Depois de um dia a “aprender como fazer uma troca de fraldas leve”, caro leitor, deixamos de apoderar-nos da nossa própria vida. Contemplamos, pelas janelas escuras, as paisagens da metrópole da morte da alma. Fingimos estar bem, inventamo-nos no abismo, dissipamo-nos f e r n a n d o p e s s o a l m e n t e em outras existências que também são nossas.

Eu digo: que declaremos guerra! E volto a dormir.

GEORGIANA CHIRCĂ

JURO QUE NUNCA ME VOU ESQUECER

Pelo menos dez dias por ano – o dia em que cortámos o pêlo do cão pela primeira vez, o dia em que ficámos noivos, o dia em que conheci os pais dela, o dia em que nos mudámos, o aniversário da mãe dela – são aniversários para a minha mulher e dias normais para mim (provavelmente não sinto necessidade de os celebrar). Todas as mulheres que vão ler isto precisam entender que só porque o marido se esquece dos aniversários, ou talvez nem queira fazer um esforço para lhe dar algo, não significa nada. Não há necessidade de chorar ou de invejar qualquer mulher que recebe flores do marido. Esta atitude não ajuda.

O pior foi quando me esqueci do quinto aniversário do nosso casamento. O primeiro dia de agosto. Esqueci-me. Não sei a razão, provavelmente pelo mesmo motivo por que me esqueci dos outros quatro aniversários. Acordar às 7, passar 8 horas no escritório, estar 2 horas no trânsito – nada diferente dos outros dias. Lembrei-me à noite, antes de chegar a casa, quando um amigo me ligou para me dar os parabéns (pelo menos alguém se lembrou). Este ser insensível ofereceu-lhe um ramo de flores, mas ela já sabia que me tinha esquecido completamente e ficou com raiva.

(– Como se eu tivesse feito isso conscientemente.)

Esse presente não foi suficiente. Mas o que mais poderia fazer? Falar com a família dela? Talvez fosse melhor não. Com os nossos filhos? Não temos.

(– Talvez seja melhor assim. Ter-me-ia esquecido do aniversário deles também.)

Passaram dias sem que a mulher de gelo dissesse qualquer palavra. Jurei que nunca mais aconteceria.

(– Esta é a quinta vez que juras isto.)

E a esposa teve razão. Décimo aniversário e nada mudou. Ainda assim, o meu pensamento é o mesmo todos os dias:

– Celebramos algo hoje? Ou posso viver em paz? Esta pergunta dá-me dor de cabeça.

GEORGIANA CHIRCĂ

APENAS NÚMEROS

Todos os pais querem que os seus filhos sejam os melhores, mas isso é impossível. Não é nada fácil ver o seu descendente voltar da escola a chorar por ter tirado uma nota baixa numa disciplina de que não gosta. Aconteceu na semana passada quando, por volta do meio-dia, o Pedro chegou a casa muito chateado.

(– Aconteceu a mesma coisa, não foi, meu querido?)

Tentámos acalmá-lo, dizendo-lhe o que costumamos dizer.

(– Tu és muito inteligente, Pedro, temos muito orgulho em ti, mas não podes ser bom em tudo.)

(– Eu sei, já mo repetiram tantas vezes, mas estas palavras não me fazem sentir melhor.)

O que ganham os meus professores com isso?

(seria o ódio dos alunos?)

Não seria aborrecido que todos os alunos fossem bons em todas as matérias e tirassem apenas notas máximas?

(a satisfação de rabiscar um 4 no catálogo não existiria mais.)

Lembro-me que isso também acontecia quando eu era aluno, ainda pior, porque os professores eram muito mais duros. Por exemplo, não gostava nada de matemática e, contudo, sou um advogado de sucesso agora (nem preciso saber muita matemática, basta saber contar o dinheiro que ganho).

Diz-se que as notas fazem as crianças desenvolverem a competitividade. Mas se o sistema ensina os jovens a serem competitivos, não deveria a escola ensiná-los a perder também? Mais e mais alunos correm atrás das notas altas porque a ênfase está na capacidade de memorizar, não na lógica ou na originalidade. Mas os pais ficam satisfeitos, os professores dizem só palavras de elogio e todos ficam felizes.

Agora que listei todas as minhas queixas aqui, deixem-me dizer como procedemos em relação à situação do nosso filho – talvez um dia isto vos ajude. Contaríamos com a ajuda de um colega do Pedro que é muito bom em Biologia. Na verdade, foi útil para ele fazerem os trabalhos de casa juntos – para além de ver as dúvidas esclarecidas, aprendeu brincando (talvez não fosse mau o Miguel ocupar o lugar do professor, parece-me melhor).

Portanto, crianças, não desanimem com alguns números sem importância. No futuro, poderão fazer apenas o que quiserem.

IOANA STOICA

EU, ÀS VEZES

Achei sempre difícil falar de mim próprio e exprimir por palavras como sou. Lembra-se desses momentos? (“E agora gostava de vos conhecer melhor! Digam algumas características vossas!” – Ainda tenho estas palavras na minha cabeça). Sem dúvida que cada um de nós experimentou (pelo menos uma vez na vida) uma situação destas e foi posto nesta envergonhada e emotiva conjuntura em que tinha de se descrever.

Dizem que não nos devemos importar com as opiniões que os outros têm sobre nós. Mas como? Conhece alguma pessoa que tenha conseguido fazer isto? Eu não conheço. É por esta razão que não considero nada fácil falar de mim, mas, por outro lado, acho que é uma questão de coragem. Será que não sou corajosa? Será, mas esta sou eu. Sou uma rapariga a quem lhe falta a coragem. A bravura nunca foi o meu ponto forte. Fui sempre uma pessoa medrosa (claro, com algumas exceções, mas não me consigo lembrar agora de nenhuma), fui sempre uma criatura medrosa: com medo de que tudo corra mal, com medo de dizer algo errado, com medo de não ser suficientemente boa (e agora estou a pensar: boa aos olhos de quem? Pais, amigos?). Então, será que não tenho confiança em mim? Será, mas esta sou eu. Sou uma jovem que fica triste quando as coisas não terminam como ela esperava e que prefere escutar, mais do que falar. Tenho vinte anos e ainda gosto de passar tempo com a minha família – comer ou ver um filme juntos –, atividades simples para outros, mas preciosas para mim (os meus pais estiveram muito tempo fora do país a trabalhar, talvez seja essa a razão), amo os filmes de Natal e ainda choro sem parar nos episódios mais emocionantes e comoventes. Há situações em que fico triste com qualquer coisa (ver uma velhota que parece precisar ajuda, um cão à chuva ou quem sabe mais o quê). Talvez o que escrevi aqui, desta vez sem medo, seja esquisito aos olhos de alguns... Contudo, é assim que sou eu, não é?

Ora, eu falei de mim (não disse tudo, mas falei). Agora, é a sua vez, leitor. Quero que pense em quem é você, mas, de verdade, porque as aparências não são difíceis de criar. Estas máscaras mentirosas que todos usamos são aspetos do exterior que podem distrair da realidade. Sei que teve tempos em que se parecia comigo e tempos em que era totalmente diferente de mim – o que é absolutamente normal e natural. Apesar de sermos tão diferentes, somos tão semelhantes, porque a vida nos oferece conjunturas que nem sempre diferem. Os contextos que ela nos dá para viver e sentir são os que nos formam e mudam (e também o tempo). Talvez, após anos e anos, consiga mudar, mas, entretanto, esta sou eu, às vezes.

IOANA STOICA

O TEMPO NÃO VOLTA PARA NINGUÉM

A Rita tem apenas 18 anos. Nesta idade, não deve haver problemas. Este período tumultuoso deve ser um dos períodos mais bonitos da vida de uma pessoa. Esta época é aquele tempo em que a felicidade joga o papel mais importante. Mas nem sempre isto acontece, não é? Vamos voltar agora ao mundo em que a nossa Rita vive. A rapariga teve uma infância bonita e uma família com quem era feliz, ela morava com os seus pais, até que um dia tudo mudou. Estes divorciaram-se, a sua mãe partiu para Lisboa e ela ficou com o seu pai. Este era o seu mundo: eram só ela e o seu pai. Quando a Rita fez 18 anos, o Tiago apareceu. Ela apaixonou-se e andava sempre com a cabeça no ar: passava as noites fora da casa, começava também a faltar às aulas e para ela era algo normal. O seu pai não concordava com este comportamento e eles começaram a dar-se mal, a ter opiniões diferentes e a discutir muito.

– Não quero fazer o que tu achas que é bom para mim, pai! É a minha vida e tu não sabes nada!

– Minha filha, não quero controlar a tua vida. Não é isso que eu quero, mas desde o dia em que o Tiago apareceu na tua vida que não és mais a mesma pessoa. Abre os olhos, filha! Ele não é para ti. Tu não eras assim...

– Como já disse, não sabes nada e não quero falar mais contigo.

A Rita saiu de casa e deixou o seu pai sozinho com os seus pensamentos. Só quero que ela entenda a situação, nada mais... Mas a Rita não despertou para a vida e o seu pai andava cada dia mais triste por causa disso. A sua filha estava interessada só no namorado dela e na sua vida e esqueceu-se da pessoa para quem ela era a mais importante. A vida não é nada fácil e qualquer coisa bonita dura pouco, não é? A relação com o Tiago estava cada vez pior: o jovem não era quem ela pensava; tratava-a mal e a Rita acabou por se lembrar das palavras do seu pai e decidiu ir falar com ele. Depois de muitas discussões com o seu namorado, ela decidiu ir ver o seu pai. Quando entrou em casa, descobriu o velhote sozinho e muito doente: porque é que o pai se encontrava naquela situação? A rapariga fez tudo o que podia para salvar o seu pai, mas não foi suficiente. Sim, ela despertou, mas muito tarde. Chorou muito, sofreu imensamente, ainda sofre, e daria tudo para voltar atrás no tempo e mudar as coisas. Porém, o tempo não volta para ninguém, este duro inimigo passa sem parar (como canta Mariza).

IONUȚ ILIE

EU, ÀS VEZES

Um jovem, um estudante, uma pessoa com ideias e paixões, assim como tu, aquele que lê estas linhas e que, no final, se vai perguntar se estou certo ou não (será assim, realmente?). Um jovem que sonha, como todos, em mudar o mundo ou, pelo menos, ser uma mancha de cores contrastantes neste quadro pintado pelo Universo. Pequeno diante de todos estes desafios da vida, que surgem desde os primeiros segundos de existência, mas otimista, com uma força de convicção e uma confiança que transcendem os limites do quotidiano e cuja motivação perpetua o dinamismo que a aproxima da realização dos sonhos. Este jovem sou eu, na maioria das vezes. Mas às vezes sou diferente.

Às vezes sou um simples robô, cujo mecanismo é acionado pela inércia do que ele sabe que deve ser, consciente (paradoxal, para um robô, não é?) dos objetivos que deve atingir, do escopo supremo do seu funcionamento, mas que requer uma reinicialização ou atualização de software. Uma máquina que imita o humano e que, no dia seguinte, volta ao normal. Metamorfoseia-se (de novo, paradoxalmente, para algo artificial) no seu padrão, desta vez, animado pela alma. O jovem, o eu. A vida deste robô é curta, mas cíclica.

O mesmo não se pode dizer do eu quase poético, cuja criação não tem simetria, rima ou medida, mas que, ao mesmo tempo, está numa harmonia caótica, que o transporta livremente durante o dia, fazendo-o esperar por um final apoteótico. Aquele que se sente impressionado com a natureza misteriosa do banal e que busca respostas para as perguntas mais simples, tentando explicar (com mínimos detalhes, se possível) qualquer enigma que não mereça ser elucidado (na verdade, para ele nada merece ficar sem explicação), mas também o propósito da sua existência ou de qualquer coisa ou pequena criatura. O lado artístico, bonito, criativo, específico de cada um de nós, que, ao dominar, dá sentido e substância ao próprio ser.

Outras vezes, um eu pessimista. Um eu para o qual, ao contrário do anterior, nada faz sentido, nada apresenta interesse e nenhuma existência é justificável. Este eu, com nojo, destrutivo, constantemente em antítese à beleza e à criação, inescrupuloso e operado por raiva, arrependimento ou vingança. Uma espécie de Hades, para o qual a satisfação e a realização estão na destruição, no caos e na perdição. Um absoluto egoísta e egocêntrico, superior a tudo e a todos.

Uma imensurável multidão de eus que vêm à superfície, às vezes, constrangidos uns pelos outros, lutando para impor o seu ponto de vista, monopolizar o controlo para si mesmo, são forçados a misturar-se num eu único, abrangente, que, com os mais fortes esforços, tente substituir com sucesso o eu puro e verdadeiro, aquele que morreu ao nascer. Este sou eu.

IONUȚ ILIE

AS ASAS CORTADAS

Nada é mais bonito do que o período de estudante. Isso é o que muitas pessoas diriam. Mas quero contradizê-los, embora não completamente. Sim, o período de estudante é um lindo período na vida de qualquer pessoa que se encontra nessa situação, mas não é, de modo nenhum, o período mais bonito da vida duma pessoa. Especialmente no contexto duma pandemia, que não permite ir fisicamente às aulas. Mas não vou falar sobre uma situação tão extraordinária; voltarei ao que significa ser um aluno em geral, desconsiderando o presente.

Todos pensamos nos momentos maravilhosos em que podemos socializar, fazer novos amigos, conhecer novos, bons professores, pessoas que continuarão a guiar-nos para sermos capazes de criar uma vida boa para depois de finalizarmos os estudos. Pensamos em festas, risos, novos amores e outras coisas assim. Todos sonham, pelo menos nesta idade, mas muitos permanecem nesta fase. Muitos enfrentam obstáculos, mas não são suficientemente fortes, desde o início, para os superar ou já não têm forças para o fazer. Muitos tiveram as suas asas cortadas por vários motivos. Como isso poderia acontecer com alguém em tal posição? Eu também, sendo estudante, tive momentos em que estive muito perto de desistir, mas ainda não o fiz e, embora saiba que vou enfrentar esta situação inúmeras vezes no futuro, sei que não vou renunciar.

Embora tente não mais ser uma pessoa negativa, muitos fatores me fazem realmente querer terminar este período de 3 anos da minha vida o mais rapidamente possível. O stress excessivo, a falta de empatia de muitos professores, o fracasso, tudo diminui a vontade de cada um de se afirmar, acabando por o colocar na situação contrária, a de querer desistir. Ninguém quer obviamente estar ou trabalhar num ambiente hostil, cheio de obstáculos para destruir e no qual é facilmente considerado fraco e incapaz, se não se conforma com as exigências muitas vezes absurdas.

Não é meu papel criticar ou resolver todos estes problemas e, certamente, mesmo que o fizesse, seria em vão. Não considero este período um pesadelo, mas certamente acho que poderia ter sido muito melhor em muitos aspetos. Obviamente, o apreço pelas poucas pessoas que trouxeram uma luz positiva a este contexto é incomensurável.

MĂDĂLINA DINA

OS TROCOS DO AMOR

Estou aqui onde me deixaste... No limite entre esperança e desilusão... Entre pensamentos e vida, sem encontrar o meu caminho. Isso magoa-me. Mas acho que já sabes (e creio que sempre soubeste e, contudo, sentiste prazer em ver-me sofrer). Não te preocupes. Eu e o sofrimento somos amigos. Já passámos por isto antes. Estamos acostumados um ao outro. E não quero ser dramática. Esta sou sempre eu... cheia de sensibilidade.

Não me ligas há uma semana (sim, conto os dias). Apesar de te ter bloqueado, verifico o registo telefónico 10 vezes por dia. Verifico-o para ver se te esqueceste de mim enquanto te tento entender. Mas tu tentaste entender-me realmente alguma vez?

No domingo chorei muito, muito. A Andreea ficou assustada com o meu estado. Ela pediu-me para me acalmar, uma vez que não sabia exatamente o que aconteceu e não podia ver-me mais naquela profunda tristeza. Não consegui explicar-lhe nada. Tudo o que conseguia dizer era: "Dói-me". Também eu fiquei amedrontada, dado que não era capaz de parar as minhas lágrimas. Porém, estas gotas amargas são a testemunha de todas as nossas lembranças, de todos os planos e sonhos que pensei que concretizaríamos juntos.

Há um mês, disseste-me que ficarias para sempre comigo, que não importava o emprego, que tinhas comprado muitos doces para comermos nas noites de insónia, que tinhas procurado correntes de carro para que pudéssemos ir às montanhas durante o inverno. Este argumento não me convenceu na altura e agora dou-me conta de que tu trazes sempre as palavras contigo, mas nunca as ações. E fiquei à tua espera, olhando diariamente pela janela, tentando convencer-me de que preparavas uma surpresa para mim e de que virias quando menos esperasse. Mas até quando? Até quando tenho que esperar por algo que não vem?

Já está! Não consigo aguentar mais. O amor não é apenas tristeza, angústia e sofrimento. Tem que ser inesquecível, trazendo uma imensa alegria. E eu não posso disfrutar da vida, sentindo-me sempre desiludida porque te escolhi, aquele que acreditei merecer o meu amor.

Foste tu o único que perdeu neste jogo de amor. E perdeste uma rapariga sensível que faria tudo para permanecer contigo. Mas a jovem que tu conheceste, hoje já se tornou numa mulher forte. E tenho que te agradecer por isto!

MĂDĂLINA DINA

PREOCUPAÇÕES DIÁRIAS

A vida estudantil não é de nenhuma maneira fácil. Temos aulas, inúmeras tarefas, projetos para elaborar o tempo todo, exames para aprovar e outras coisas diárias para cumprir (quem disse que a faculdade significa amigos novos, caminhadas e festas, nunca desejou ser um estudante aplicado).

Com o desejo de realizar essas coisas a tempo, acordo muito cedo todas as manhãs. Quase não consigo lavar o meu rosto e os dentes, uma vez que a aula já começou e o professor controla as presenças: vejo que estás aqui connosco, Maria (quem me dera estar a dormir neste momento). Não percebo onde vai buscar a energia este ser dinâmico e criativo e sei que tu também não tens ideia, portanto ficamos na mesma.

Começamos a aula a falar sobre os requisitos do exame. O propósito desta inspeção final não fica claro para os estudantes (por que motivo a atividade diária não é suficiente? por que razão precisamos de ser submetidos a um novo stress?) Eu não funciono bem quando sou subjugada a este monstinho emocional. Permito-me perguntar ao professor quanto tempo temos para fazer a prova. Disse-me que só uma hora. E que os assuntos seriam mais fáceis do que pareciam. Tá bem, não quero pensar nessa pressão agora, mas é útil saber isso.

A aula acaba, mas com ela não acabam as minhas preocupações: tenho que cozinhar, tenho que lavar a loiça e comprar água, queria lavar também o meu cabelo e, no meio deste turbilhão de afazeres, já me tinha esquecido de que tenho algumas tarefas académicas para submeter online até à meia-noite. Tu também tens tantas coisas para fazer? Se sim, como é que consegues fazer tudo?

O dia passa rapidamente e eu estou com medo de não ser capaz de finalizar tudo o que tenho para fazer. Começo a sentir ansiedade em cada célula do meu corpo. Este sentimento horrível não me deixa acalmar. Sabes que eu não quero trabalhar durante a noite, uma vez que considero que esta parte do dia é para descansar. Mas estamos enterrados em trabalhos de casa. E amanhã, lá estaremos tu e eu nesta maratona de afazeres: aulas, tarefas domésticas e trabalhos para a faculdade.

E assim passará mais um dia, preocupando-nos e stressando-nos por coisas que não vão importar daqui a 5 anos. E assim se passa a vida, sentindo o stress e a ansiedade a cada passo.

MARIA STOIAN

EU, ÀS VEZES

Há dias em que acordo muito feliz, cheia de energia e otimista e a acreditar que posso enfrentar tudo o que o mundo me atira à cara. Contudo, há dias em que não tenho vontade nem de me levantar da cama nem de fazer o que quer que seja. Toda a gente se sente assim – não sou a única pessoa que tem emoções –, somos seres humanos e todos temos os nossos próprios sentimentos, eu tenho os meus e tu tens os teus.

Na vida, sempre aparecerão questões ou problemas imprevisíveis que poderão mudar a tua disposição, por exemplo: receber uma notícia triste, uma nota baixa, uma mensagem deprimente ou perder algo importante como a carteira ou talvez o telefone. Todas estas coisas têm o poder de piorar o estado de espírito de qualquer pessoa num instante. “Porquê eu?”, “Por que razão acontece isto?” São, acho eu, duas das perguntas que surgem imediatamente nas cabeças das pobres vítimas quando algo mau ocorre. Eu fui também vítima de tais desgraças ao longo da minha vida, porém, tenho de admitir que depois de algum tempo, tudo regressou ao normal, à vida calma e feliz. Na minha opinião, seria ótimo se estivéssemos alegres o tempo todo, mas isso não é possível, obviamente. A minha vida, a tua vida, a vida de todas as pessoas consiste em todos os momentos que vivemos, sendo eles bons e inesquecíveis ou difíceis e dolorosos. Creio que devemos sentir uma vasta gama de emoções para recolher diferentes experiências e para nos desenvolvermos como indivíduos. Portanto, se não experimentássemos a tristeza, seria mais difícil reconhecermos a felicidade, uma vez que não existe nenhum termo de comparação.

Como já mencionei, todos temos este tipo de dias. O que é que podemos fazer para ultrapassar os sentimentos que nos atormentam? Primeiramente, devemos ter presente que tudo vai passar, nada é para sempre (o mal desaparecerá tal como apareceu). Em segundo lugar, ter uma mentalidade positiva é a chave duma vida feliz e calma (podemos dizer que é a chave da alegria). O pessimismo não nos traz nada, nem nos ajuda de algum modo, pois mantendo a cabeça erguida, conseguiremos ter mais dias bons do que maus. Não nos devemos esquecer de que o sol vai sempre nascer depois da chuva e, quem sabe, talvez vejamos mesmo um arco-íris. Poderíamos encontrar a felicidade em tudo se optássemos por nos mantermos otimistas. Talvez haja alguns momentos de tristeza e desespero na minha vida, porém, hei de encontrar a alegria se não perder a esperança. Esta sou eu, às vezes.

MARIA STOIAN

A FALTA DE INSPIRAÇÃO

Tiveste alguma vez uma tarefa para fazer, mas nenhuma vontade de começar? Ou talvez tenhas tido qualquer coisa para escrever e disseste a um amigo ou amiga: não tenho inspiração, nem um pouco. Não te preocupes, isso não é algo fora do comum – de certeza que tal situação ocorreu na vida de todas as pessoas. Duvidas das minhas palavras? Muito mal! Peço desculpas se pareci mesquinha, não foi minha intenção, a sério. No entanto, isto está a acontecer-me agora mesmo – não tenho nem um grama de inspiração, não sei sobre o que escrever ou qual será o melhor assunto. Talvez consideres que agora estou a nadar nesta enorme lagoa de ideias, todavia, na realidade estou a dar passeios num infinito e seco deserto cheio de escassez.

E desta maneira dei por mim a escrever sobre a falta de inspiração – um pouco irónico, não é? Acho que sim, é de facto muito irónico, mas não diz o provérbio inglês “combater o fogo com fogo”? Portanto, decidi que a melhor solução para o meu problema seria escrever exatamente sobre aquilo que me falta.

Acredita em mim quando digo não é muito fácil, mas também não é tão difícil. Só temos de começar. Isto é a única coisa que devemos fazer – e agora não me refiro apenas a escrever esta crónica ou a pintar um quadro, refiro-me a tudo o resto (coisas que não têm a ver com a criação artística): a fazer os trabalhos de casa, arrumar o quarto ou lavar a loiça. Não queria fazer aquilo, não sabia por onde tinha de começar. E achas que toda a gente sabe? Pensas que todas as pessoas querem? Claro que não, e é absolutamente normal. Queres o meu conselho? Começa! Não tem de ser perfeito desde o início e podes sempre mudar algo se não gostares do resultado ou pedir ajuda se não conseguires encontrar uma solução. O que é verdadeiramente importante é fazer, no mínimo, um esforço (por menor que seja) e não desistir mesmo antes de iniciar as tarefas.

Provavelmente, crês que tudo o que disse até agora foi uma mentira tola ou um completo disparate... Contudo, como podes ver, estamos juntos no final desta página, depois das minhas queixas: não tenho inspiração, não sei o que escrever. A verdade é que quando comesas a escrever, as palavras correm sem te dares conta disso, e quando te apercebes... consegues adivinhar? Já terminaste. Parabéns!

NICOLAE ZORILĂ

O QUE É ISTO POR QUE NÓS ESPERAMOS?

Entramos em 2021 e estamos todos cheios de esperança. Mesmo que apenas esperemos que este ano não seja pior. Mais uma vez as pessoas decidem que é só por um conceito imaginário que estamos neste tumulto; tenho certeza, li no meu horóscopo no outro dia. Com certeza não é uma série de consequências das nossas ações.

No ano passado, só tínhamos uma responsabilidade. Só uma obrigação. Literalmente não fazer nada e até nisso falhámos também. Muitos se perguntavam: Por que razão tinham de escutar a razão de outros e da ciência? Dizia uma coisa naquele dia e no dia seguinte diria uma coisa completamente diferente. Não é tão inteligente e corajoso para dizer isso? Concordo totalmente consigo. Como ousa alguém, que dedicou metade da sua vida ao estudo de um assunto por mais tempo do que Vossa Excelência ocupa nesta blasfemada Terra, provar que esse emaranhamento de loucura em que vivemos está a evoluir e a mudar todos os dias e não é o mesmo que era há 200 anos atrás? Tenho certeza de que Vossa Excelência tem razão porque o seu conhecimento é melhor. E superior. E absoluto. Isso não pode ser posto em causa, já que Vossa Excelência sabe mais do que todos os outros e é culpa de todos os outros nós estarmos neste tumulto. Meu Deus! Permita-me dizer uma coisinha, por favor, definitivamente, não está a ser ignorante! Vejo algumas pessoas a colocarem a culpa no destino, na vontade de Deus, no infortúnio por causa do alinhamento das estrelas, até mesmo alienígenas, até mesmo aquelas pobres criaturinhas verdes. O que eles fizeram a Vossa Excelência? Acho que o Sui Ishida deu uma resposta muito boa a essas pessoas quando escreveu que "Todo o sofrimento do mundo nasce da incompetência individual". Sim, mas cuido de mim mesmo, é culpa dos outros que não fazem a sua parte. Mas Vossa Excelência realmente faz a sua parte? As suas responsabilidades realmente terminam com a sua própria pessoa? Alô, Dona Lenuta faz parte de uma sociedade antes de qualquer outra coisa! Protege-se porque tem medo e por isso não se vai vacinar, pois diz que esta vacina pode fazer mal, quem sabe o que os efeitos secundários dos efeitos secundários podem fazer, e afinal ninguém disse pessoalmente a Vossa Excelência todos os ingredientes que estão nesta vacina. Existem grandes interesses no meio! Deve continuar a usar os óleos e as pomadas, pois mantêm à distância qualquer pestilência. É assim que se cura uma peste. Afinal, o seu corpo é um templo, como é que esses pagãos se atrevem a profaná-lo?! Mas, por favor, não pense nos outros que podem adoecer, porque você também ficará doente. Se protege os outros, e os outros fizerem a mesma coisa, isso não significa que protege a sua pessoa também? E que você também protege os outros? E se todos estão em segurança e saudáveis, não há perigo para ninguém?

Continuamos a esperar e a desejar que algo mude, mas não nos mudamos a nós mesmos. De que é que estamos à espera então? Eu só tenho uma esperança para o futuro, perder a minha sanidade e a minha visão para que não possa mais ser cúmplice de tudo isto.

VALERIA MIHĂILESCU

OS TROCOS DO AMOR

A minha amiga telefonou-me ontem e, chorando, disse-me que o seu namorado tinha terminado a relação com ela.

(Já imaginava isto há muito tempo. O que é que esperas que aconteça quando és a única envolvida nessa união e a outra pessoa somente finge os sentimentos?)

Com pressa, vesti-me e saí de casa para apanhar o táxi e chegar mais rapidamente a casa dela. Quando cheguei, encontrei-a na sua cama, com a maquilhagem arruinada e a olhar para o telefone. Essa imagem entristeceu-me. Esse homem insensível não a merecia. Ela era sempre aquela que lhe telefonava primeiro ou que propunha encontrarem-se... (algo que traz sinais desde o início).

Disse-lhe sempre o que penso dele, que não era “um santo”, como ela dizia, e que esses “defeitos insignificantes” eram uma falta de respeito.

Contudo, assim é o amor, leva-nos a habilidade de ver as coisas evidentes. Este tipo de pessoas, em quem podemos confiar incondicionalmente, são raras. E quando encontramos pessoas que só pensam superficialmente e lhes oferecemos mais amor do que recebemos, esse é o preço que temos a pagar, um coração partido. Este tipo de indivíduos fica aborrecido de um dia a outro, e nós ficamos com toda esta afeição que nos consume.

Este pensamento é algo que temos de ter em conta no início de uma relação, que há a possibilidade de no final sofrermos, que o homem em que nós pomos a nossa confiança nos pode dececionar.

(e isso não é necessariamente culpa dele, em alguns casos o carinho desaparece)

Mas o que podes dizer a uma pessoa que sofre por amor? Existe algo que a pode fazer sentir melhor quando sente que a sua vida não vai ser a mesma sem o homem amado?

Pensei nisso naqueles momentos, quando estava sentada ao seu lado. Não encontrava palavras, tudo o que lhe poderia dizer era algo que a Ana não queria ouvir. Por isso deixei-a falar sobre o que ela queria. Nunca vi uma pessoa chorar tanto, mas claro que não disse isto em voz alta.

Fiquei em casa dela nessa noite e quando acordámos de manhã estava mais calma. Só espero que este novo dia seja melhor para ela, ao contrário do dia anterior.

VALERIA MIHĂILESCU

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Decidir quando estás preparado para ter um bebé é algo muito difícil (ou, pelo menos, é isto que eu acho). Um recém-nascido vai mudar totalmente a vida de uma pessoa, mas tens de pensar que tu também vais ter a responsabilidade de criar e orientar uma vida.

Uma pequena criatura necessita de muita atenção e paciência. Não é suficiente que lhe ofereças um telefone e que penses que fizeste um bom trabalho. No futuro, isto vai causar problemas de comunicação e adaptação social. Por isso, há muitas coisas a ter em atenção.

É o caso de uma pessoa que conheço. A minha amiga, vamos chamar-lhe Maria, tem um pequenino monstro que é demasiado acarinhado e, por isso, faz muitas asneiras. Fiz-lhe uma visita um destes dias e começámos a falar. Ele desenha nas paredes e ela simplesmente ri-se. Uma ação como esta oferece ao menino a impressão de que os seus atos não são errados.

Tentei falar com a Maria. Não achava ela que o menino necessitava de algumas regras? Não, porquê? Só para lhe ensinar como ser responsável e que é necessário ter alguns limites. Acho que é muito pequeno para isso (tem três anos...).

A atenção é fundamental na infância. Não brincar com eles, não fazer atividades conjuntas, não lhes proporcionar ensinamentos – estas ausências vão afetá-los. Em contrapartida, a presença dessas estratégias ajudá-los-á a formar a personalidade e a amplificar a sua criatividade. Ignorá-los e deixar que ocupem o tempo deles com coisas inúteis só para ter tranquilidade é uma indicação de que foi um erro ter um bebé.

Ignora o miúdo na infância e quando ele crescer, será um adolescente com ansiedade.

Oferece-lhe muita atenção e ele será um narcisista e um egocêntrico com problemas de egoísmo.

Ensina-lhe que deve estar sempre calado e ele nunca exprimirá a sua opinião, nem sequer em assuntos importantes.

Claro que a responsabilidade dos pais não acaba quando o garoto se torna jovem. Com efeito, se os limites não foram esclarecidos, o verdadeiro problema começa; contudo, nesse momento, vai ser mais difícil de os controlar.

Para se ser mãe ou pai é necessário ler mil livros ou memorizar uma centena de regras? Não. Necessita, sim, de ser responsável e entender o poder que tem nas suas mãos assim que o bebé aparece neste mundo.

NOTA DA ORGANIZADORA

AS CRÓNICAS QUE SE ENCONTRAM COMPILADAS NESTA PUBLICAÇÃO FORAM ESCRITAS POR ESTUDANTES DE 3.º ANO DURANTE A FREQUÊNCIA DA DISCIPLINA ‘CRÓNICA LITERÁRIA: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITAS’, LECIONADA PELA LEITORA CAMÕES BUCARESTE, PROF.^a DOUTORA SÓNIA DIAS MENDES, NO ANO LETIVO 2020/2021, NO ÂMBITO DA LICENCIATURA EM ESTUDOS PORTUGUESES NA FACULDADE DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS DA UNIVERSIDADE DE BUCARESTE (ROMÉNIA).

OS TEXTOS CONSTANTES NESTA COLETÂNEA INTITULADOS *AQUELE ALI ATRÁS SOU EU*, *CUIDADO COM O DEGRAU*, *EU*, *ÀS VEZES*, *JURO QUE NUNCA ME VOU ESQUECER*, *O JÁ E O AINDA* E *OS TROCOS DO AMOR* FORAM ESCRITOS A PARTIR DE TÍTULOS DE CRÓNICAS DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES:

“AQUELE ALI ATRÁS SOU EU” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“CUIDADO COM O DEGRAU” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“EU, ÀS VEZES” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“JURO QUE NUNCA ME VOU ESQUECER” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“O JÁ E O AINDA” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“OS TROCOS DO AMOR” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2011). *QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

SÓNIA DIAS MENDES
Professora Universitária



ORGANIZAÇÃO
SÓNIA DIAS MENDES

PREFÁCIO
SIMINA POPA

AUTORIA
AMALIA PUIU
ANCA NAGY
ANDRA ARDELEANU
ANDRADA MILITARU
ANDREEA BRUMARU
ANDREEA RĂDUCA
ANDREI PREDA
COSMINA DIMA
CRISTINA PETRESCU
GEORGIANA CHIRCĂ
IOANA STOICA
IONUȚ ILIE
MĂDĂLINA DINA
MARIA STOIAN
NICOLAE ZORILĂ
VALERIA MIHĂILESCU

com o apoio

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS